

O PROFESSOR LEITOR E SUAS ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

THE READER TEACHER AND HIS METHODOLOGICAL ALTERNATIVES FOR FOSTERING OF READERS

Fabiane Verardi
Lissara Kaiuane Delphino Alves
William Dahmer Silva Rodrigues
UPF

Resumo: Este artigo tem o objetivo de propor atividades literárias com a obra "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Para tanto, mobilizam-se abordagens sobre educação literária advindas de estudos de Cosson (2021), Lajolo (1984), Colomer (2007), a fim de nortear a reflexão acerca da presença do leitor na escola. Tem-se a hipótese de que, ao entrar em contato com obras de assuntos diversos, a partir de uma curadoria adequada, o horizonte cultural dos leitores é ampliado. Por essa razão, a utilização de diferentes abordagens metodológicas torna-se essencial, para que haja ferramentas diversas de trabalho com o material literário.

Palavras-chave: Formação do leitor. Literatura infantil e juvenil. Metodologias de leitura.

Abstract: *This article aims to propose literary activities with the book "A caligrafia de Dona Sofia", by André Neves. To this end, approaches to literary education are mobilized from studies by Cosson (2021), Lajolo (1984), Colomer (2007), in order to guide reflection on the presence of the reader at school. The hypothesis is that, when coming into contact with publications on different subjects, through adequate curation, the cultural horizon of readers is expanded. For this reason, the use of different methodological approaches becomes essential, so that there are different tools for working with literary material.*

Keywords: *Fostering Reader. Children's and young adult literature. Reading methodologies.*

1 INTRODUÇÃO

A sala de aula é, ou deveria ser, um espaço de diálogo, de atividades, de descobertas. Reunindo, sobretudo, diferenças, uma vez que é um ambiente privilegiado para a troca de experiências, o conforto de interpretações e a diversidade de leituras. Embora se concentrem nas dinâmicas atuais, ainda muito (i)mobilizadas pelas perspectivas tradicionais, as atividades silenciosas e as atitudes explanadas centradas no professor (e não na aprendizagem e, muito menos, no compartilhamento de experiências), a sala de aula, apesar de toda a rigidez dos currículos, das metodologias, e mesmo dos conteúdos, mantém, na ordem do contato interpessoal, o que ela deveria ser: um lugar de descobertas.

Aqui, neste artigo, a leitura literária será a base dessa tomada de consciência. Para tanto, o texto está organizado em duas partes, a saber: na primeira, há uma discussão, a partir dos pressupostos teóricos de Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Teresa Colomer e Rildo Cosson, destacando as principais ideias a respeito da formação do leitor, a fim de discuti-las e usá-las na reflexão acerca do papel da escola e do professor na promoção da educação literária; na segunda, propõe-se uma alternativa metodológica

de trabalho com a obra literária infantil “A Caligrafia de Dona Sofia”, de André Neves, a partir das abordagens teóricas discutidas na primeira parte.

2 O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Saber ler não é garantia de que o indivíduo se tornou um leitor. Comete-se um grande equívoco toda vez que o ato da leitura é atribuído puramente à decifração de códigos, em sua maioria presentes em textos verbais, avaliáveis, por exemplo, a partir das tradicionais metodologias de leitura decodificada “em voz alta”. Compreendendo a leitura no seu nível mais amplo, sabemos que o seu ato vai além da decodificação de algo escrito, conforme observa Marisa Lajolo (1984), afirmando que ler é “a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, e relacioná-lo a todos outros textos significativos” (p.59). A leitura é um processo complexo que envolve várias dimensões, incluindo a decodificação, a compreensão e a interpretação de textos, sendo cada uma dessas etapas cruciais para a formação de um leitor proficiente. A língua, enquanto mecanismo vivo e em constantes variações, manifesta-se nas mais diversas situações da vida do sujeito, podendo se apresentar por meio de palavras, imagens, gestos, signos, formas, cores e sons. O indivíduo capaz de transitar nessas múltiplas linguagens, atribuindo sentido e significado àquilo que está posto diante de si, torna-se um leitor por excelência. Desse modo, ler é muito mais do que decifrar códigos: é expressar-se de diferentes modos, atribuindo sentidos ao que se vê, sente e busca.

A pesquisadora colombiana Yolanda Reyes (2010, p. 22-23) contribui afirmando que:

a leitura é concebida atualmente como um processo permanente de diálogo e negociação de sentidos, no qual intervêm um autor, um texto – verbal ou não verbal – e um leitor com toda uma bagagem de experiências prévias, de motivações, de atitudes, de perguntas e de vozes de outros, num contexto social e cultural em mudança.

Sob esse ponto de vista, é preciso destacar que o sujeito se reconhece como humano a partir das suas vivências em situações de comunicação com os demais indivíduos da sua esfera social e, como consequência delas, surgem as linguagens: resultado desse processo de interação. Por meio das trocas linguísticas, do intercâmbio de ideias, o indivíduo passa a adquirir o domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua como um sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística. Isso viabiliza a participação social e evidencia a relação do sujeito com o mundo, possibilitando a construção do conhecimento de si mesmo. Logo, quanto mais variado for o seu contato com as manifestações da língua, melhor se dará o seu processo de autorreconhecimento, de formação intelectual, social, pessoal e de sua constituição como sujeito leitor.

Em vias gerais, pode-se afirmar que todo indivíduo é capacitado ao ato de ler, mas este só é desenvolvido a partir de estímulos do meio onde está inserido. Nesse sentido, a leitura pode ser vista como um processo de aprendizagem como qualquer outro, e, portanto, o ato de ler se ensina e pode ser aprendido. E é nesse cenário de ensino-aprendizagem que surge imediatamente a escola, seguida de sua importância enquanto principal espaço para habilitar os alunos à leitura, principalmente a literária, pois desde tenra idade, neste contexto, ela promove o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para que os alunos se tornem leitores proficientes, críticos e esteticamente sensíveis, ao se apropriar da literatura, construindo significados a partir da obra, a partir do letramento literário, como destacam Graça Paulino e Rildo Cosson (2009). Tal apropriação, no entanto, não é vista como uma habilidade a ser adquirida na escola ou em algum momento da vida, mas como “um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67). A construção, da mesma forma, acontece por meio do diálogo entre leitor e

autor, no qual aquele cria sentidos - de acordo com suas experiências e expectativas de leitura, contribuindo sobremaneira para seu enriquecimento pessoal e cultural.

A formação do leitor literário na escola, por conta disso, contempla necessariamente a existência de propostas exitosas e singulares, o que é o objetivo do presente artigo, remetendo, também, à figura do professor e de sua importante função enquanto mediador de leitura, curador e promotor do letramento literário na escola.

2.1 O professor, um agente literário

O prazer pela leitura é despertado pelo entusiasmo do professor que incentiva o aluno ao aproximar-se dos livros. Para formar leitores, é preciso que o mediador desse processo oportunize à criança experiências significativas com o livro para que ela possa vivenciar situações variadas de descobertas e aprendizagens. “Daí o uso do termo mediador de leitura para designar a pessoa que se interpõe entre o texto e o receptor, tendo em vista facilitar sua recepção” (Bajard, 2014, p. 45).

No processo de formação de leitores, é necessário que o professor se apresente como leitor, atualizado e participante. É preciso que esse profissional, de diversos modos, transfira aos educandos seu fascínio pelo universo literário. Por isso, é importante que o aluno perceba, nas ações do seu professor, atitudes leitoras que demonstrem afeição e reciprocidade com o livro. Todavia, desenvolver formas de encontro com a leitura não é uma tarefa fácil, é necessário que o mediador busque desenvolver em seus alunos uma aproximação significativa com relação aos livros.

Ao longo dos séculos, o contexto escolar permitiu ao professor desenvolver atividades relacionadas à leitura literária. Como o gosto pela leitura encontra terreno fértil nesse espaço, os momentos da infância e da adolescência são decisivos para a consolidação de um ser humano aberto à leitura e sensível ao texto literário. Nesse sentido, são diversos os trabalhos que discutem a presença e a importância do profissional docente no contexto de sala de aula. Silva (2009), ao destacar que o centro de desenvolvimento do professor é a leitura, revela a indissociabilidade entre planejamento de aulas, preparação profissional e formação humana.

Com esses elementos, nota-se que a tarefa do professor, em se tratando de literatura, envolve, em primeiro lugar, despertar o interesse dos estudantes para com o material literário. Como esse processo não acontece repentinamente, é preciso que, antes de tudo, o professor seja um leitor. Não há como ensinar a gostar de ler se o próprio professor não tenha desenvolvido isso ao longo da vida. Em seu texto célebre “O texto não é pretexto”, Lajolo (1985) defende a ideia de que, caso a relação do professor seja negativa com a leitura, muito dificilmente ele conseguirá atuar adequadamente em suas aulas de literatura. Isso, infelizmente, distancia ainda mais o profissional de seu objeto de trabalho, criando, assim, um desgosto pelo texto literário.

Esse distanciamento, muitas vezes, é resultado de uma concepção de educação regida pela lógica da produtividade, a qual descarta inevitavelmente um aspecto essencial da leitura: o prazer. Sem isso, tanto o estudante quanto o professor terão dificuldade para criar uma relação saudável com o material literário. Como os resultados não são mensuráveis, no sentido de que seus efeitos envolvem subjetividade, mudança de comportamento, de visão de mundo em termos culturais, o campo da leitura é menosprezado pelo seu potencial.

O discurso de que a literatura *não serve para nada* carrega a premissa de que, como apontamos, não apresenta resultados tangíveis a curto prazo. Essa ideia, no entanto, revela a forma como a sociedade percebe a utilidade das coisas. Como a leitura é um produto do mercado, conseqüentemente as pessoas construirão um ponto de vista alicerçado ao princípio da questão “quanto eu vou ganhar com isso?”, quando,

na verdade, a literatura, fundamentalmente, não deve *servir* para nada.

Nesse contexto de desvalorização da leitura e do próprio docente que olha para o texto literário, encontramos, na pesquisa de Silva (2009), o reflexo do pensamento construído até aqui, uma vez que, de 2002 a 2006, 385 docentes revelaram dados preocupantes acerca de suas práticas pessoais e profissionais em relação à leitura. Por exemplo, cerca de um quarto dos entrevistados revelou ter até 10 títulos em suas casas. Esse número indica grande distanciamento do próprio material de trabalho. Além disso, as razões pelas quais os professores leem variam entre adquirir mais conhecimento e ficar mais culto.

Essa razão, por ser a principal, foge do princípio de formação do leitor literário: o prazer nunca é visto como prioridade, o que sinaliza, novamente, que a leitura funciona como um produto do mercado e deve mostrar sua utilidade. Por isso, para além de também não lembrarem dos títulos que leram ao longo de sua vida, os professores encontram barreiras para a formação do leitor literário. Apesar de haver dificuldades, tanto na formação acadêmica quanto na vivência docente, é preciso considerar o papel decisivo do professor na vida dos estudantes.

Com esse cenário desafiador, resta encontrar caminhos possíveis para a realização de atividades de mediação, considerando o contexto dos professores e dos estudantes. É preciso ter consciência de que não é tarefa somente do professor de língua portuguesa, literatura ou redação, muito menos dos professores das demais matérias, mas do contexto escolar como um todo de formar leitores críticos e capazes de tomar decisões adequadas às suas vidas. Com isso, cabe ao professor-leitor, em primeiro lugar, conhecer seus interlocutores, perceber seus gostos e preferências.

Essa aproximação com os estudantes, de cunho diagnóstico, como aponta Cosson (2006), ao tratar do letramento literário, permite que o professor crie ferramentas para que os alunos participem ativamente do processo de escolha das obras. Por exemplo, ao definir diferentes livros ao longo do ano, o professor seleciona, por exemplo, três livros, a partir dos quais os alunos poderão escolher um como leitura principal. Essa decisão metodológica permite que o aluno tenha *certo* poder de escolha, o que facilita uma relação saudável com o material selecionado.

Ao se tratar da escolha do material de leitura, deve-se atentar à qualidade dessa seleção. Durante muito tempo, como afirma Colomer (2007), a literatura esteve ligada aos valores morais da época, o que condicionava a definição das obras. Aliado a isso, os livros não tinham como preferência seu valor estético e libertador, mas o cumprimento de valores necessários à intenção de ensinar condutas adequadas da época em que eram trabalhados.

Com a ascensão dos estudos em literatura, principalmente a infantil, esse paradigma foi alterado e houve preferência ao cuidado estético, narrativo e libertador das obras. Por isso, não é por meio da literatura que uma boa conduta será ensinada, mas é com ela que o estudante terá contato com *outros* pensamentos, *outras* vivências, o que lhe permitirá uma ampliação de seu horizonte cultural.

Reyes (2012, p. 26) corrobora tal posicionamento ao evidenciar que a literatura:

deve ser lida – vale dizer: sentida – a partir da própria vida. Quem escreve deve estrear as palavras e reinventá-las a cada vez, para lhes imprimir sua marca pessoal. E quem lê recria esse processo de invenção para decifrar e decifrar-se na linguagem do outro. É esse processo complexo que implica, para dizer o mínimo, dois sujeitos, com toda a sua experiência, com toda a sua história, com suas leituras prévias, com suas sensibilidades, com sua imaginação, com seu poder de situar-se para além de si mesmos. Trata-se de uma experiência de leitura complexa e, deve-se dizer, difícil. Mas passível de ser ensinada. E, para ensiná-la, convém partir de sua essência.

Nessa concepção, é importante garantir à literatura infantil sua condição de literatura, o que de

imediatamente a torna uma obra artística. Como manifestação de arte, invoca a sensibilidade, manifestações culturais e os sentimentos do leitor situando-se no universo do possível. É o mundo do imaginável criado por meio da linguagem oral e escrita tendo uma função estética que tenta informar pela linguagem simbólica e despertar a observação do leitor sobre a realidade.

A literatura tem, portanto, uma função social, pois, ao representar o real, a criança imagina, constrói relações por meio da sua interação com o grupo e do próprio material de leitura apresentado. Por isso, promover experiências com a leitura faz a criança estabelecer um diálogo com o autor de diferentes formas, seja por meio das imagens, escritas e músicas, seja a partir de brincadeiras, “pois quanto mais oferecermos literatura às crianças, mais elas estarão capacitadas a entender o texto, a interpretar, a valorizar e a ativar os seus intertextos constituídos para o desenvolvimento de uma competência literária” (Burlamaque; Martins; Araújo, 2011, p. 81).

3 Um olhar para a sala de aula e suas possibilidades

Com o objetivo de ampliar o horizonte cultural e possibilitar experiências significativas no universo literário, alternativas metodológicas para o trabalho com o livro literário tornam-se essenciais. Abordam-se, neste artigo, caminhos para trilhar em sala de aula, que buscam envolver o leitor em formação. Uma vez que, na maioria das vezes, a sensibilização das crianças com a leitura, na escola, começa pelo professor quando este cria oportunidades de ampliação da expressividade, da autonomia e da curiosidade por meio do livro. Para que isso ocorra, é importante (re)conhecer como o texto literário sensibiliza as crianças e oferece oportunidades para uma nova maneira de pensar e agir sobre o mundo. Nessa concepção, “o livro para criança pode ser definido em termos de leitor implícito. A partir de uma leitura cuidadosa, ficará claro a quem o livro se destina; quer o livro esteja totalmente do lado da criança, quer favoreça o desenvolvimento dela ou a tenha como alvo direto” (Hunt, 2010, p. 100), isso é, o valor que a criança dá ao livro literário depende das circunstâncias do seu uso.

Isso posto, e partindo do contexto do Ensino Fundamental I, apresenta-se, a seguir, sugestão de trabalho com a obra “A caligrafia de Dona Sofia”, de André Neves. É preciso destacar que tal escolha se deve à qualidade estética do texto, dentre as quais se destacam:

- a) A narrativa poética: André Neves utiliza uma linguagem poética e delicada, que não só conta uma história, mas também encanta o leitor com suas descrições vívidas e imagens sensoriais.
- b) As ilustrações cativantes: as ilustrações de Neves são reconhecidas pela sua beleza e expressividade, complementando e enriquecendo a narrativa textual. Elas capturam não apenas os personagens e cenários, mas também as emoções e atmosfera da história.
- c) Sensibilidade na abordagem temática: por abordar temas como amizade, memória, saudade e a arte da caligrafia de maneira sensível e profunda, tocando aspectos emocionais e intelectuais dos leitores.
- d) Variedade estilística: a narrativa incorpora diferentes estilos poéticos ao apresentar poemas de diversos autores, enriquecendo a experiência estética do leitor com uma ampla gama de formas literárias e expressões artísticas.
- e) Coerência estética: a integração harmoniosa entre texto e ilustração, além da seleção cuidadosa de poemas clássicos e de autores canônicos contribui para uma experiência estética coesa e envolvente, que captura a imaginação e os sentidos dos leitores.

Nesta linha, Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2017, p. 28) destacam que, “no âmbito da literatura infantil e juvenil, amplia-se e expressa-se de distintas maneiras essa parceria antiga entre a escrita, o impresso e o livro, ao mesmo tempo em que nela também se manifesta hibridismo de linguagens”. As autoras

mostram que esta parceria de linguagens verbais e visuais implicou a necessidade de uma nova concepção de autoria, bem como a sua valoração no campo intelectual e estético.

Em suma, a qualidade estética de “A Caligrafia da Dona Sofia”, de André Neves, reside na sua capacidade de combinar arte visual e literatura de forma poderosa e comovente, proporcionando não apenas leitura agradável, mas também uma experiência estética enriquecedora e memorável para os leitores de todas as idades.

O livro narra a história de Sofia, professora de Língua Portuguesa aposentada, que, para garantir o seu sustento, vende vasos com flores. Logo no início da narrativa, encontramos, nas ilustrações, detalhes de sua casa, a qual apresenta, nas paredes, diversos trechos de poemas que Dona Sofia leu ao longo da vida e não quer esquecer. Esse olhar de dona Sofia revela uma forma singular de estar no mundo: é por meio do texto poético que o “eu” se constrói e acaba ampliando a subjetividade dos moradores da cidade e, principalmente de Ananias, o carteiro, que gentilmente faz as entregas das flores de Dona Sofia para os moradores da cidade e será fortemente impactado pelos poemas compartilhados, uma vez que mantém contato direto com Sofia, aproxima-se do texto poético ao perceber que a protagonista decide enviar poemas para seus vizinhos. Aos poucos, a poesia vai tomando conta da vida de todos, descortinando um mundo secreto, repleto de sabedoria, luz e sensibilidade. O livro, assim como as paredes da casa de Dona Sofia, também é todo “estampado” com poemas de diversos autores clássicos e contemporâneos, despertando no leitor o desejo de conhecer mais esse universo tão rico de imagens e sonoridades, assim como o conecta com tradições culturais e literárias mais amplas, ajudando a entender e valorizar a herança literária e cultural.

A obra explora, também, a importância da escrita manual e o impacto emocional que uma carta, assim como o texto poético, pode ter na vida das pessoas. Através das palavras de Dona Sofia, os leitores são levados a refletir sobre a conexão humana, a troca (compartilhamento) de sentimentos e a valorização dos gestos simples que podem transformar o dia de alguém. A história se desenrola mostrando como as cartas de Dona Sofia não são apenas pedaços de papel, mas verdadeiros presentes que carregam sentimentos, cumplicidades poéticas e memórias. Ela escreve cartas para diferentes ocasiões, como aniversários, datas especiais e até mesmo para consolar alguém em momentos difíceis. Suas cartas são sempre esperadas com ansiedade pelos moradores, que as consideram um tesouro.

Com ilustrações delicadas e expressivas, o livro de André Neves convida os leitores a mergulharem em um mundo onde a escrita é uma forma de arte e uma expressão de afeto, resgatando o valor das palavras escritas à mão em um mundo cada vez mais digitalizado.

Como há um encantamento pela palavra, a obra “A Caligrafia da Dona Sofia”, de André Neves, oferece diversas oportunidades para trabalhar com as crianças. A partir dessa leitura, sugere-se explorar atividades que promovam a criatividade, o desenvolvimento da linguagem escrita e a apreciação estética. Essas abordagens não apenas enriquecem o entendimento da obra, mas também incentivam o desenvolvimento integral dos alunos, estimulando a imaginação e a expressão pessoal. Assim, apresentam-se, a seguir, sugestões metodológicas para trabalhar com essa obra na escola.

Etapas propostas:

1. Discussão inicial:

- Converse com os alunos sobre a importância da caligrafia e da escrita manual. Pergunte se conhecem alguém que escreve cartas à mão e quais são suas impressões sobre isso.

2. Atividade de curiosidade:

- Mostre a capa do livro e peça aos alunos para imaginarem sobre o que a história trata. Eles podem escrever ou desenhar suas previsões.

3. Leitura compartilhada:

- Leia o livro em voz alta para a turma, dividindo em partes e incentivando a participação dos alunos com perguntas e comentários ao longo da leitura.

4. Exploração das ilustrações:

- Analise as ilustrações de André Neves, explorando o seu traço singular ao construir as ilustrações, mostrando como elas complementam a narrativa. Peça aos alunos para criarem suas próprias ilustrações baseadas em trechos do livro.

5. Discussão em grupo:

- Divida os alunos em pequenos grupos e peça para discutirem temas como a importância das cartas na história e na vida real, e como a tecnologia afetou essa prática.

6. Atividade de escrita:

- Peça aos alunos para escreverem uma carta à mão para alguém especial, usando uma caligrafia caprichada, como a Dona Sofia faz.

7. Criação de um Correio Escolar:

- Monte um “correio” dentro da escola onde os alunos possam enviar cartas uns aos outros, incentivando a prática da escrita e da leitura de cartas.

Destaca-se, ainda, que trabalhar com os diferentes poemas cuidadosamente selecionados e presentes no livro pode ser uma experiência enriquecedora para os alunos, explorando não apenas a diversidade de estilos poéticos, mas também ampliando seu repertório literário e sensibilidade estética. Aqui estão algumas sugestões de como abordar especificamente os poemas em sala de aula:

1. Leitura guiada e exploração de significados:

- Inicie com uma leitura em voz alta do poema escolhido, permitindo que os alunos apreciem o ritmo e a sonoridade das palavras.
- Discuta o significado literal e figurado do poema, ajudando os alunos a interpretar e analisarem as imagens e metáforas utilizadas.

2. Contextualização histórica e cultural:

- Contextualize o poema dentro do contexto histórico e cultural em que foi escrito.
- Discuta como o período e as circunstâncias podem ter influenciado o tema e o estilo do poema.

3. Análise estrutural e estilística:

- Explore a estrutura do poema (estrofes, rimas, métrica) e discuta como esses elementos contribuem para o impacto do texto.
- Compare o poema com outros poemas do livro, destacando semelhanças e diferenças de estilo e temática.

3. Expressão criativa:

- Encoraje os alunos a escreverem seus próprios poemas, inspirados no estilo ou tema dos poemas estudados. Isso pode incluir experimentação com diferentes formas poéticas (como haicais, sonetos, poemas livres).

5. Discussões e reflexões:

- Organize discussões em grupo sobre as emoções e ideias evocadas pelo poema.
- Pergunte aos alunos como o poema os fez sentir e quais aspectos da vida ele pode representar ou comentar.

6. Apresentação e performance:

- Incentive os alunos a apresentarem os poemas para a classe através de leituras expressivas ou performances criativas, valorizando a oralidade e a expressão pessoal.

Assim, ao trabalhar com os diferentes poemas da obra, é essencial criar um ambiente onde os alunos se sintam inspirados a explorar, interpretar e criar, permitindo-lhes descobrir a riqueza e a beleza da poesia de maneira significativa e pessoal.

Atividades Interdisciplinares:

1. História e Geografia:

- Pesquise sobre a história da escrita e da caligrafia, explorando diferentes tipos de escrita ao longo do tempo e em diferentes culturas. Como a obra apresenta um cuidado com a caligrafia, com a forma das palavras, o professor pode apresentar aos alunos fontes de letras diferentes das comumente vistas, a fim de mostrar uma preocupação com a forma da escrita. Essa prática, conhecida como *lettering*, apresenta as letras como desenhos e símbolos artísticos.

2. Arte:

- Crie um projeto de arte onde os alunos possam decorar envelopes e papéis de carta, explorando a criatividade e o design.

3. Tecnologia e Comunicação:

- Promova um debate sobre as vantagens e desvantagens das formas de comunicação antiga (cartas) e moderna (mensagens instantâneas).

Projetos Longos:

1. Jornal da escola:

- Crie um jornal escolar onde os alunos possam escrever artigos à mão sobre diferentes temas, praticando a escrita e a caligrafia.

2. Exposição de caligrafia:

- Organize uma exposição com os trabalhos de caligrafia dos alunos, incluindo cartas, ilustrações, poemas e histórias criadas por eles, construindo um olhar poético para as paredes da escola.

Em resumo, “A Caligrafia da Dona Sofia”, de André Neves, não apenas proporciona uma experiência literária enriquecedora, mas também abre portas para discussões profundas, desenvolvimento de habilidades e conexões significativas com a vida cotidiana dos alunos. A partir da

exploração estética da obra, o professor-leitor aproximará os estudantes do universo poético, o qual sensibiliza e determina o olhar para os livros literários de modo geral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente artigo, reitera-se que a realização de um trabalho bem planejado, fundamentado e que oportunize a construção de sentido para cada indivíduo forma leitores que ultrapassam o simples consumo de textos literários, mas que se apropriam da sua herança cultural preservada na literatura.

Nesse sentido, é imprescindível que o trabalho com o texto literário na escola corresponda aos novos estatutos da literatura na contemporaneidade. Contudo, não se pode deixar de levar em consideração alguns princípios básicos de leitura, que, em vias gerais, consistem na promoção da interação entre o texto e o leitor, fazendo com que o indivíduo experiencie o mundo por meio da palavra.

Assim, a obra “A Caligrafia da Dona Sofia”, de André Neves, revela-se não apenas uma leitura enriquecedora, mas uma experiência profundamente transformadora para a formação do leitor na escola. Ao explorar a complexidade da comunicação humana e da poesia através da caligrafia e das cartas, Neves não apenas encanta os leitores com sua prosa poética e ilustrações vívidas, mas também os convida a refletir sobre temas universais como amizade, memória e a beleza das pequenas ações cotidianas. Esta obra não só amplia o repertório literário dos alunos, introduzindo-os a diversos estilos poéticos e autores consagrados, mas também os estimula a explorar suas próprias emoções e ideias. Assim, o livro transcende o papel de “simples” obra infantil, tornando-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo, dessa forma, sensibilidade estética, pensamento crítico e uma conexão mais profunda com o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAÚJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagens na formação do leitor. In: JUNQUEIRA, Renata; TAGLIARI, Berta Lúcia Feba (Orgs). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP. Mercado das Letras, p. 75-119, 2011.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história*. Curitiba: PUCPR, 2017

_____. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

NEVES, André. *A Caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ROSING, Tânia M. K.; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação*. Trad: Rodrigo Petrônio. 1ª ed. São Paulo, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Formação de leitores literários. In: SANTOS, Fabiano.; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor. In: _____. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

Fabiane Verardi

Doutora e Mestras em Letras (PUCRS). Estágio de pós-doutorado pela Universidade de Coimbra. Professora Titular da Universidade de Passo Fundo (UPF), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Integrante do GT Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (ANPOLL)

Lissara Kaiuane Delphino Alves

]}

Mestranda em Letras (UPF) e Graduada em Letras (UPF)

William Dahmer Silva Rodrigues

Mestrando em Letras (UPF)

Recebido em 10/09/2024.

Aceito em 10/12/2024.